

CAPÍTULO III

Infantilidade e hábitos histeróides. — Vontade fraca

Na vida ordinária, a comum observação dos fatos já pode vir a despertar uma atitude, de alta curiosidade, em frente de certas diferenças individuais, no desenrolar da sua conduta. "Não sabe se determinar", é uma frase que muitos anos ouvi na adolescência, e na infância, a uma pessoa cara. Ela a empregava sempre, diante de certos acontecimentos, explicando-os, concebendo-os, e procurando o remédio a pequenos acidentes do comportamento malogrado de suas empregadas, de seus filhos, ou até de pessoas afastadas. É também significativo que as pessoas mal constituídas, enfraquecidas desde a infância, (tendendo para as hipoplásicas e para as leptoptósicas, e para as displásicas) são precisamente aquelas em quem me foi dado notar as referidas insuficiências de conduta, com mais franca predominância. Dirigidas de perto, dão conta de complicados labores. Entregues a si próprias, fracassam nas primeiras ocasiões em que uma novidade venha a requerer alguma alteração na marcha dos trabalhos. Bastalhes sair duma casa para outra, em meio diferente, para já não serem a mesma dona de casa, ou a mesma empregada, que se encarrega livremente duma direção. Perdem a capacidade de se defender contra o imprevisto, que lhes embaraça a execução dos encargos. Essa deficiente defesa pode levá-las a sucumbir, e a perder a sua posição. Ensinadas e auxiliadas de perto, podem formular um programa de ação, mas dificilmente perdem o hábito e a necessidade do auxílio: e o amor próprio, ferido, pode também desfechar nos conflitos íntimos, ou na repetida mudança de relações e amizades. A vida, para elas, se resolve na habilidade com que conseguem o auxílio. Essa *esperteza* é que lhes ajuda a *defender-se*: elas não sabem se *determinar*; porém sabem como conseguir o auxílio mais conveniente. Tudo isso é uma deficiência, em resumo. Não é grave: porque elas conhecem o seu ponto fraco, e conseguem remediar essa fraqueza. Não podem se defender diretamente. Defendem-se indiretamente. Adaptam-se. Arrumam a sua vida. Com sofrimento, ou sem sofrimento: mas em todo caso dentro das raias do normal. Entretanto, não é difícil, para elas, saltar fora das fronteiras do normal. Mas o que é mais significativo é que isso acontece tanto mais facilmente quanto mais difícil fôr uma nova assistência na orientação, e quanto mais *débil* fôr a *inteligência*, ou a capacidade de *conceber a realidade do ambiente*. Vem assim a simulação, especialmente a doença fingida, que em geral é mal fingida, quando a mentalidade é fraca. Mas também acontece que uma paralisia ou um vômito comecem assim: e neste caso é pura histeria. Mas, se a doente, que deversas teve uma dôr reumática e foi auxiliada, e deu-se bem com êsse auxílio, continua depois sempre com dôres, pode ser que já não haja mais reumatismo. Haverá, das cinzas do reumatismo, uma dôr que continuou.

Pode ter continuado pequeníssima: efeito tríplice da atenção, do medo da recaída, e da posição forçada em que ela tinha estado. Aí estão já três causas que são *convergentes*. Porém, na verdade, quando no hospital se acompanha a formação dessas doenças e se analisa o sonho, e as associações, e se surpreende o desejo subjacente do comportamento, — então é que se nota a enorme complexidade das causas que se enfeixam nesse processo de convergências, tôdas as quais desfecham na finalidade da doença. A boa ocasião de repousar. A presença duma pessoa cuja atração é pura inclinação amorosa; ou, até, que apenas se parece a quem quer que já despertou amor... e, por aí além, podemos descobrir múltiplas raízes de impulsões instintivas.

Ora, como quer que seja, a histérica que consegue viver assim, alguns meses ou anos, nada mais faz, no final das contas, do que tomar o partido que lhe pareceu ou lhe foi mais proveitoso. Estava numa situação difícil, num beco sem saída: daí o repouso na enfermaria, os cuidados recebidos, e tudo o mais em que ela foi-se dando bem, e foi ficando, enquanto não foi levada a compreender abertamente que aquela dor estava passando, e foi antes do medo (que ela *compreende* melhor), e do instinto sexual, que ela sabe no íntimo da alma, quando levada a analisar os seus sonhos ou as *cousas esquisitas* que ela faz, sem saber exatamente por que faz...

Curada, ela se refere àquilo, (quando radicalmente curada, e não fingidamente curada, porque a histeria tem isto consigo, — é capaz de fingir até a própria cura e fingir no bom sentido, isto é, sem que a farsa seja propriamente e perfidamente uma farsa;) curada, ela, às vezes, se refere ao sofrimento dizendo: “as minhas loucuras!...” E quando elas falam nessas *loucuras* (de ter ficado com uma neuralgia que se curou por meio de conversas, confissões, e esclarecimentos), quando elas têm tais expressões, isso quer dizer que elas agora sabem *defender-se*, quando, num conflito daqueles, conhecem as cousas. Elas sabem *determinar-se*, na medida do seu alcance mental, sem contrair uma paralisia, uma crise de fígado, ou aquela “dor nos ovários” que lhes parecia uma “defesa” (para deixar pingar, aqui, a palavra da gíria atual, e que corresponde a essa realidade.)

Portanto, em ambas as ocasiões, *o sentido da conduta significa uma orientação de defesa*: tanto quando houve a adaptação ao auxílio, e depois à rotina aprendida, como quando, obrigada a sair fora do ramerrão habitual, foi ela obrigada a simular intencionalmente na fraude, ou a simular sem sabê-lo, a simular mais ou menos honestamente, por errada *concepção do meio ambiente* e do estado do seu próprio corpo. Quando não pôde ser a defesa pela assistência de outrem, foi a defesa da fraude ou da histeria (às vezes ambas estas cousas entram em complicadas relações). A defesa leal, honesta, pela adaptação à realidade. A defesa da farsante, traindo *a obrigação diante da realidade*. A defesa errada, pela fraqueza mental, pela fuga diante da realidade difícil, passivamente, por imitação inconsciente, mediante o apêgo às representações que os instintos projetam na imaginação. Sempre, no fundo da estruturação da conduta, a orientação para a defesa, honesta, fraudulenta, ou histérica. Sincera, cabotina, ou sugestionada. As três hipóteses mais simples, e mais vulgares. Mas em tôdas essas eventualidades o motivo fundamental é a tendência para a defesa; (acertada, acanalhada, ou ihudida, para repetir outro aspecto das mesmas diferenciações da conduta.) Mas é preciso chegar a descobrir esse fundo de instinto defensivo no caráter do histérico, para que se compreenda melhor a ilusão das pobres criaturas que, nessa espécie de fingimento (pôsto que todo particular), se deixam levar a operações, a sofrimentos maiores e reais, e até à morte.

À morte, ou a maiores dôres, a uma vida infernal. Mas pode-se chamar a isto *defesa*? Sim, porque não é uma defesa material, e sim espiritual. *O doente não está defendendo o seu corpo, mas o seu ideal.* Se o ideal fôr a defesa do corpo, aí será a fuga pelo mêdo, ou por um equivalente. Mas quando a histeria martiriza a doente, o ideal é diferente. É um ideal que se escondeu por baixo de outras intenções claras: os ideais claros e atuais vão sendo, hoje, o repouso; amanhã, a fuga à casa e aos parentes; depois, o mêdo e a necessidade de ser examinada para afastar a idéia da moléstia e ganhar a tranquilidade, e assim a cada passo uma nova atitude adotada por um novo ideal. Mas a análise pode mostrar que todos êsses ideais falsos e transitórios são produzidos ou dirigidos por um ideal profundo e irrealizável: ser a amante ou a espôsa do seu cunhado, atual marido de sua irmã. Ela julgou descobrir um estonteante amor ao cunhado. A impressão foi o horror. Afastou a idéia, que se esboçava. Mas ficara-lhe uma incomprensível delícia de sofrer com aquilo, de sentir que morreria com êle, e por êle. Veio depois o sofrimento, o remorso, as insônias. O seu próprio marido era-lhe agora insuportável. Um dia, estando a vomitar, ficou livre dêle. Sozinha, na sua alcova. Ainda bem que os vômitos continuaram (ela não pode saber como, mas vagamente compreende, que é um meio de se livrar dêle.) E assim foi que se lhe compôs o ideal dominante, e já inconciente. E tal é o verdadeiro motivo orientador dos outros, mesmo que estes consistam em cousas desagradáveis e absurdas para uma pessoa normal. Eis, pois, como se pode chamar ideal a essa finalidade inconciente de dôres, e até de morte (por mais que esta última é quase sempre evitada na ocasião precisa...)

Não é difícil mostrar, nessas condições, *diversos motivos* ou fatores *convergingo para o mesmo objetivo teleológico.* Nem descobrir um ideal dominante e subconciente, base de tôda a conduta. A análise mostra claramente que a influência orientadora do ideal inconciente (ou apenas subconciente), não precisa de se processar ativamente. A histerica é a passividade. Deixa-se levar, *deixa-se arrastar nas ondas, porém escolhe as ondas em que afrouxará o corpo.* Ela às vezes sorri (sem notar), quando exprime ou relata as dôres que está sentindo. O sorriso é inexplicável. Ela não o explicaria. Porque êle saiu da intenção inconciente. O médico pode mergulhar nesse veio, e ir, depois, confirmar os achados assim recolhidos por meio da análise onírica. Esse sorriso leva ao inconciente, como também o descuido da paciente, quando se lhe está examinando a paralisia, permite surpreender movimentos que só há pouco achou possível, confiando na afirmação do médico, que, aliás, tinha usado um truque para forçar essa confiança, e apenas simulara o movimento espontâneo. A mesma passividade que leva à histeria, ajuda a voltar à cura. Passividade e carência mental, à mercê de impulsos instintivos. Quando se realiza a cura psicoterápica, e também quando se corrige a conduta normal, (tanto na histeria como na desadaptação) houve tendências dos instintos que estavam orientados inconvenientemente ao desenvolvimento da personalidade. E esta personalidade (isto é os ideais que motivavam as decisões da vontade), entravam em antagonismo com a vida instintiva. Ou, resumindo, — os movimentos clara ou inconcientemente desejados encontravam a oposição do ideal da pessoa. A vida continuou a sua marcha mediante o equilíbrio entre o instinto e o ideal.

- { O instinto conserva o corpo, para a espécie.
- { O ideal condiciona a vontade, para a pessoa.

Outra coisa que é preciso resumir é o mecanismo da defesa, que não é claro, à primeira vista, para um hábito francamente histérico, ainda, ou já apenas histeróide, e conservado graças à pobreza da personalidade. Defesa, aqui, não consiste em salvar-se por ocasião dum risco de vida. Tem uma significação mais alta. É bastante notar alguma restrição no prazer dos instintos, ou alguma limitação nas posições sociais acarinhadas, para que desde logo se esbocem nos atos ou nas imaginações tendências destinadas a *defender* o desenvolvimento do corpo e da alma. Mas ainda conviria advertir, *grosso modo*, o aspecto espiritual da defesa subjacente a essas modalidades de conduta. Nada melhor do que um fato trivial e notório. De um momento para outro, quase de inopino, certas formas frequentes de histeria afinal desapareceram das enfermarias, onde soíam demorar, como trambolhos impertinentes e infelizes. Por que? “É a nova educação.” “É a vida de trabalhos”. “Já não há romantismos”. “A civilização é outra” “Somos mais práticos e mais sensatos, e não aguentamos as crianças mimadas.” “Não há mais cabelo na testa, ôlho para o céu, e peito a suspirar, a-fim-de fazer o camarão nadar de costas.” “A mulher hoje é livre, deixou de ser boba.” “As fitas, agora, é só no cinema que se encontram.” “A educação hoje é sexual, e não religiosa;” contra o que replicam outros: “Já ninguém faz orações no altar de Freud.” “A educação se faz hoje mais junto à realidade.” “A sociedade hoje não cultiva o recalçamento.” “A ânsia de poder não leva hoje às pessoas cegamente.” “A vida de trabalhos não oferece estufas para colecionar as orquídeas das sugestões amorosas.” “A gente, hoje, quando tem tempo, goza os prazeres e não tem faniquitos.” “Hoje ninguém quer ser mandado.” “Estamos na era do materialismo, e portanto não se usa mais a mentira histórica, nem a mentira religiosa.” “Passou a época dos milagres.” “Não se aguenta mais alma do outro mundo.” “Boitatá não pega mais.” “Ninguém vai mais no pacote.” “Reivindicação da mulher, direitos da mulher, liberdade da mulher, mulher americana.” Podíamos ir ainda mais longe, catando aqui e ali uma explicação da impressionante diminuição de certas formas de histeria e hábitos histeróides, que bruscamente ficaram fora da moda. Seja qual fôr a parcela de verdade abrigada em cada uma das razões apontadas, há um fato berrante, que paira acima dêsses palpites. É o seguinte: Precisamente na enfermaria, e na ocasião, em que médicos, enfermeiras, e pacientes deixaram de acreditar nas cenas históricas, essas encenações começaram a desaparecer.

O teatro fecha, quando se suprime a bilheteria: o objetivo de defesa pela errada atitude histórica não dá mais resultado. O êrro ficou patente. A doente procura outro meio mais sensato para defender-se. Mas defende-se sem as ilusões nem os cabotinismos *desmascarados*: e quem levou a máscara foi a atmosfera moral...

Quanto a uma acepção, assim ampla, do instinto e da defesa vital, precisamos de uma justificação. Os fisiologistas, os psicólogos, e os filósofos geralmente comprimmem demasiado o sentido dêsses dois têrmos. Não cabem, aqui, debates longos, porém. Baste-me advertir que o limite dessas noções só pode ser legitimamente determinado pela investigação e pela análise. E, por estes meios, as impulsões instintivas que se descobrem são múltiplas, não se reduzem às necessidades da nutrição, da defesa, e da reprodução. *Tôdas as funções da fisiologia podem, quando intensas ou dificultadas, produzir movimentos determinados, invariavelmente adaptados a uma finalidade vital*: ora, essa adaptação está já encaminhada pela disposição anatômica, aperfeiçoa-se pela repetição dos movimentos úteis à vida, e, (fato essencial e pouco conhecido), aprimora-se

pela emoção, porque a emoção está ligada precisamente ao que é decisivo para a defesa da vida e do seu aperfeiçoamento. Se a psicologia não tem até agora estudado como devia o papel da emoção, é porque a emoção fugia aos olhos dos psicólogos; e fugia justamente porque era defesa, isto é, porque precisava ganhar liberdade, rapidez, eficiência, e dissimulação: e todas essas condições ela conseguiu mediante a mobilização duma qualidade da imagem orientadora, (o detalhe emotivo), que assim pode-se enxertar em outra imagem ou sensação, que esteja ocupando a percepção, no momento de perigo. O sentido defensivo desse processo foi estudado por mim no meu livro — *LE RÊVE ET LA SÉLECTION DES IDÉES*.

Um exemplo dessa qualidade de imagem é o *ritmo* com que segurei o braço da histórica, na experimentação adiante referida, IV.^o capítulo. Outros serão referidos mais adiante. E' esse o papel do detalhe emotivo: não só atualizar a experiência do passado, revivendo-a no momento decisivo, no que ela tem de indispensável, como também dirigir o instinto e a inclinação.

Assim a respiração, a luta, a visão das cousas belas, o gosto do recordismo e da emulação, uma invencível inclinação de amor, e uma automatizada agressão do ódio. E não há por que separar a inclinação do instinto. Na inclinação há instinto, e pode haver inteligência: o que era necessário era não desconhecer os dois elementos que são *convergentes*, e muitas vezes numerosos elementos *convergem* para o mesmo fim vital. Aí é que demora o erro geral. Porque é falta de observação e de análise levantar a espontaneidade como uma barreira entre o voluntário e o instintivo. Isso é ciência feita com palavras. O mesmo movimento, observado com todas as características de espontâneo, mostra-nos a análise que é por longe, remotamente orientado por uma educação, uma reflexão, que ficou velada, como um aparelhamento latente, e que constitui um despercebido elemento que *converge* com os reflexos e automatismos para a realização da mesma finalidade, com que se defende o homem. Aliás esta acepção dilatada está de acôrdo com a linguagem e a tradição de todos os povos. Não foi somente o poeta português que escreveu de um cardeal que "tinha o instinto da frase e a intuição do gesto."

Enfim, para terminar este capítulo com um novo esforço em prol da clareza, no intrincado de matéria tão obscura e tão árida, imagino que o leitor de si para si poderá ter a seguinte pergunta:

— Se numa fase breve de vidas tão simples demora a complicada trama de tantos fatores convergentes, para qualquer finalidade, — não seria possível esclarecer todas essas cousas confusas, ou latentes, por meio de uma classificação de tudo que faz uma criatura humana, para viver a sua vida?

Sim, é possível, e essa classificação cai bem no fecho deste capítulo. (E' útil que o leitor, para melhor apanhado do que vou fazer nesse resumo, tenha lido na minha *Criação Estética*, como eu chamo *beleza* à luta pelo ideal; e, no meu *Le Rêve*, como explico o compreender pela subordinação a uma predominância.)

Em todo caso, o homem vive, isto é:

- | | | |
|-----------------------|---|---|
| 1) — Sente e | } | por seu |
| 2) — tende a mover-se | } | corpo, (que é intemporalmente unido à alma.) |
| 3) — ama e | } | por sua |
| 4) — cria beleza | } | alma, (que se une atualizadamente ao espírito.) |

-
- 5) — compreende e } por seu
6) — realiza a vontade { espírito, (que dirige a elevação.)

Todos os elementos convergentes, latentes ou manifestos, atuais ou remotos, que compõem a vida podem-se resumir e distribuir em uma certa acepção de:

- 1) sensação
 - 2) movimento
 - 3) amor
 - 4) beleza
 - 5) compreensão
 - 6) vontade.
-